CLEBER RABELO: o primeiro operário da construção civil na Câmara de Belém

AMANDA GURGEL é eleita em Natal com quase 33 mil votos, proporcionalmente, a mais votada das capitais brasileiras

UMA VITÓRIA DOS TRABALHADORES

PSTU elege vereadores em Belém e Natal

[págs 8 e 9]

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ▸ NÚMERO 451 ▸ DE 17 A 30 DE OUTUBRO DE 2012 ▸ ANO 16

Eleições: vitória governista, mas com alguns sinais de mudanças

[pág. 7]

CAMPANHA: PSTU CONQUISTA CINCO MIL NOVAS FILIAÇÕES

[pág 16]

AGORA É LUTA! É PRECISO DERROTAR O ACORDO COLETIVO ESPECIAL

[pág 4]

ONDA DE PROTESTOS VARRE CONTINENTE EUROPEU

[pág 14 e 15]

OSMARINO AMÂNCIO: LÍDER SERINGUEIRO EXPLICA SUA FILIAÇÃO AO PSTU

[pág 5]

SEM MUDANÇA 1 - Segundo a Pesquisa por Amostra de Domicílios (Pnad) 2011, a renda das mulheres brasileiras equivale, proporcionalmente, a 70,4% do rendimento de trabalho dos homens.

SEM MUDANÇA 2 – Em média, os homens ocupados receberam R$ 1.417. Já as mulheres receberam R$ 997. Como se não bastasse, as mulheres compõem a maioria dos trabalhadores que recebem apenas um salário mínimo (31,4%).

OURO DE TOLO

A produção mineral brasileira vem crescendo. Somente a extração de ouro aumentou 13% e atingiu 66 toneladas em 2011. Chamam a atenção as iniciativas de extração de ouro no Pará. Se, no passado, a região já foi alvo do garimpo, a exemplo de Serra Pelada, hoje são as mineradoras estrangeiras que dão as cartas. A companhia canadense Belo Sun Mining Corp., por exemplo, tem um mega projeto de exploração do ouro amazônico para ser implementando em 2013. O objetivo é extrair 4,684 mil quilos de ouro por ano, em um período de 12 anos. Curiosamente, o projeto fica a 14 quilômetros da usina de Belo Monte.

AMÂNCIO

PÉROLA

Ele não me usou muito. Se usasse mais, estaria melhor na pesquisa.

PAULO MALUF (PP), sobre Haddad, candidato do PT em São Paulo (Folha de S. Paulo, 08/10/2012)

AMANDA GURGEL LUSITANA

Em meio a um programa de TV de Portugal, um general aliado do atual governo do país criticou a esquerda por realizar manifestações contra os cortes no orçamento. *"Estão no século 19"*, disse. Sofia Rajado, professora presente no auditório respondeu na lata: *"Não somos nós que contraímos essa dívida. Não temos futuro depois que a troika dominou o país. Quem vai pra rua não são pessoas malucas"*. O general chamou a professora de "ingênua". Sofia respondeu: *"Não sou ingênua. Estamos disponíveis para arranjar trabalho, mas não pra ouvir sermões daqueles que estão do lado dos banqueiros"*, arrancando aplausos do auditório. Ela ainda apelou: *"venham pra rua lutar pelos seus direitos, pois essa crise não vai acabar"*. O duelo de Sofia com o general pró-Troika está na internet e lembra muito o caso de outra professora, de Natal, que enfrentou os poderosos.

PROTEGER BONECO DA COLA-COLA

Um grupo de jovens que faziam um protesto pacífico na frente da prefeitura de Porto Alegre foi violentamente reprimido pela Brigada Militar, a PM gaúcha. Os jovens protestavam em frente a um boneco da Coca-Cola, no Largo Glênio Peres. Subitamente, os policiais se lançaram com seus cassetetes, bombas de efeito moral contra os manifestantes. As imagens da repressão expõem toda a brutalidade. A certa altura, uma jovem que filmava a ação da PM com o celular é jogada no chão e cercada por PMs que a cobrem de chutes. Outra jovem denunciou que também foi agredida. "Um policial me deu um chute, me pegou pelo braço e me chamou de vadia".

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

O repórter André Caramante, da Folha de S.Paulo, foi afastado do jornal e enviado para destino desconhecido, com o intuito de "preservar a sua segurança". Caramante foi afastado após receber ameaças do ex-chefe da Rota e candidato a vereador pelo PSDB, Paulo Telhada, e de seus seguidores no Facebook. Foram inúmeras as ameaças. Em uma delas, um policial da Rota (tropa de elite da PM de São Paulo) chamado Paulo Sérgio Ivasava Guimarães disse: "Esse Caramante é mais um vagabundo. Coronel, de olho nele". Outro foi mais explícito: "nosso estimado 'experiente foca' ainda será vítima de um sequestro relâmpago". Eis a "liberdade de expressão" permitida pela polícia que mais mata no país.

Assine o jornal Opinião Socialista

DADOS PESSOAIS

Nome
CPF
Endereço
Bairro
Cidade UF CEP
E-mail
Telefones

ASSINATURA

☐ Renovação automática ○ R$ 12 (todo mês) ○ Solidária: ____
☐ Semestral ○ R$ 30 ○ Solidária: ____
☐ Anual ○ R$ 50 ○ Solidária: ____

PAGAMENTO

☐ Dinheiro / cheque
☐ Boleto Bancário
☐ Cartão de crédito ○ VISA ○ MASTERCARD ○ AMERICAN EXPRESS ○ AURA
Nº ____ Cód. Segurança ____ Validade: __ __ (Mês Ano)
☐ Débito em conta corrente ○ BANCO DO BRASIL ○ SANTANDER ○ CEF Operação: ____
Agência ____ Conta ____ Data do mês para débito: ____

Entregue o formulário preenchido a um militante, assine pelo site (www.pstu.org.br/assinaturas) ou envie por carta à sede do PSTU: (Av. 9 de Julho, 925, Bela Vista, São Paulo, SP CEP 01313-000) assinaturas@pstu.org.br (11) 5581.5776

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO
Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

ASSINATURAS
(11) 5581-5776
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - maceio@pstu.org.br | pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Professor Tostes, 1282 - CEP. 68900-030, Bairro Santa Rita. Tel: (96) 3224.3499 | macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro. (92) 234.7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R. da Ajuda, 88, sala 301 - Centro. (71) 3015.0010 pstubahia@gmail.com
pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056
fortaleza@pstu.org.br

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel.
(88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul.
(61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br
pstubrasilia.blogspot.com

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt-28, casa 02 - Setor Leste Universitário.
(62) 3541.7753 | goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo.
(98) 8812.6280/8888.6327
saoluis@pstu.org.br
pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto.
(67) 3331.3075/9998.2916
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Av. Paraná, 158 - 3º andar - Centro. (31) 3201.0736 | bh@pstu.org.br | minas.pstu.org.br

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | uberaba@pstu.org.br

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825
belem@pstu.org.br

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Sérgio Guerra, 311, sala 1 - Bancários. (83) 241.2368
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C, 201. Centro

MARINGÁ - R. Castro Alves, 269 - Jd. Panorama. Sarandi-PR. (44) 9963-5770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410
pernambuco@pstu.org.br
www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421.
teresina@pstu.org.br
pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br | rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.
d.caxias@pstu.org.br

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro.
niteroi@pstu.org.br

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VALENÇA - sulfluminense@pstu.org.br

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado.
(24) 3112.0229 | sulfluminense@pstu.org.br | pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - R. Vaz Gondim, 802 - Cidade Alta (ao lado do Sind. dos Comerciários). natal@pstu.org.br
psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 - Porto Alegre.
(51) 3024.3486/3024.3409
portoalegre@pstu.org.br
pstugaucho.blogspot.com

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105 - Morada do Vale I. (51) 9864.5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm.
(54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831
floripa@pstu.org.br

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579
pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO - saopaulo@pstu.org.br

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604

ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 - São Miguel. (11) 7452.2578

ZONA SUL - R. Amaro André, 87 - Santo Amaro. (11) 6792.2293

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 7071.9103

BAURU - R. Antonio Alves, 6-62 - Centro. CEP 17010-170.
bauru@pstu.org.br

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672 | campinas@pstu.org.br

GUARULHOS - R. Harry Simonsen, 134, Fundos - Centro. (11) 2382.4666
guarulhos@pstu.org.br

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos.
(16) 3637.7242 | ribeirao@pstu.org.br

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro.
(11) 4339.7186 | saobernardo@pstu.org.br
pstuabc.blogspot.com

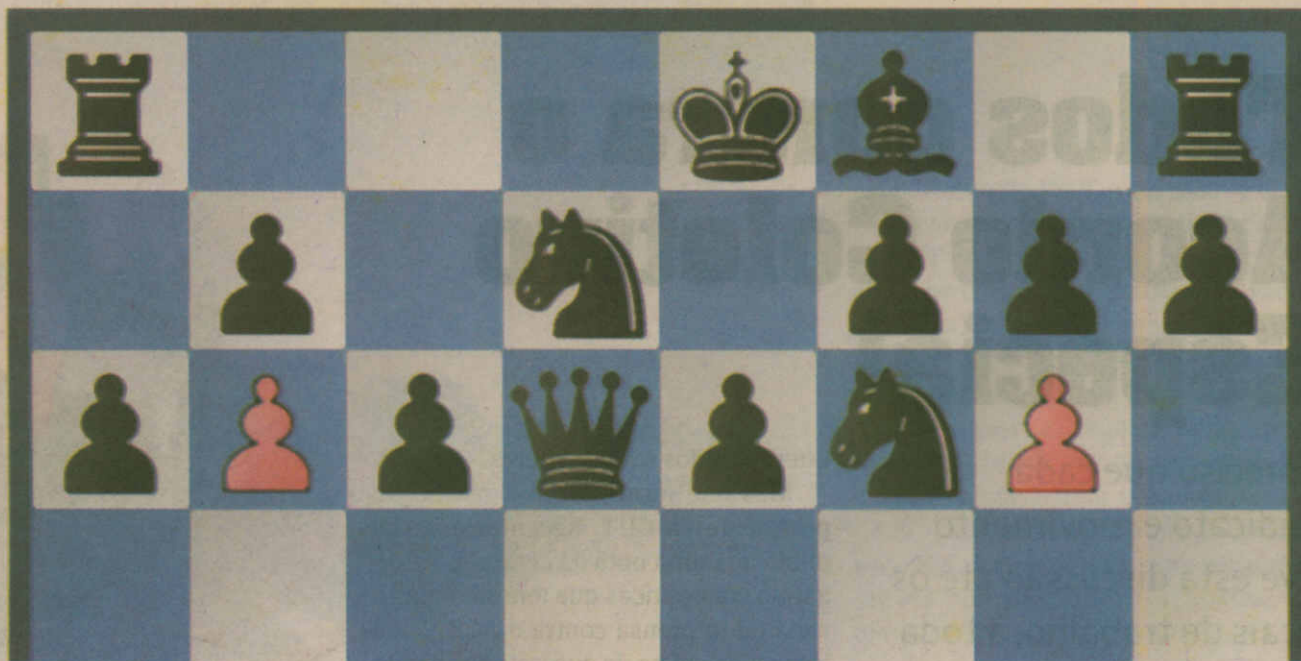
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista.
(12) 3941.2845 | sjc@pstu.org.br

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631

JACAREÍ - R. Luiz Simon, 386 - Centro. (12) 3953.6122

SUZANO - (11) 4743.1365
suzano@pstu.org.br

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas.
(79) 3251.3530 | aracaju@pstu.org.br

Uma grande vitória no terreno do inimigo

As eleições são controladas pela burguesia que consegue impor sua vontade pelos acordos financeiros ou pela compra direta dos partidos majoritários. As grandes empresas, por exemplo, financiam as campanhas de Haddad (PT), Serra (PSDB), Russsomano (PRB) e Chalita (PMDB) em São Paulo, sendo vitoriosas com qualquer um dos possíveis vencedores.

Financiam campanhas caríssimas que são as que têm alguma chance de serem vitoriosas. Controlam assim os governos e parlamentares eleitos, e depois cobram suas faturas com os contratos que almejam com os poderes públicos.

Os dois grandes blocos dirigidos pelo PT e PSDB-DEM têm acordo no fundamental, na aplicação do plano econômico, a serviço da grande burguesia que os financia. Por exemplo, esses partidos vão apoiar as medidas que estão sendo preparadas pelo governo e o Congresso para atacar os trabalhadores depois das eleições. Foi o principal sindicato dirigido pela CUT, o de metalúrgicos do ABC, que apresentou ao Congresso a proposta dos Acordos Coletivos Especiais (ACEs) que significam uma reforma Trabalhista disfarçada que pode atacar direitos básicos como as férias e décimo terceiro salário.

Os trabalhadores nem imaginam que ao votar pelos candidatos desses partidos estão dando apoio a este tipo de ataque contra eles mesmos.

DOIS LUTADORES SOCIALISTAS FURARAM O BLOQUEIO

Por isso mesmo, não existe nenhuma possibilidade de se chegar a uma mudança radical da sociedade através da via morta das eleições. E é por isso também que, quando conseguimos vencer a burguesia nesse terreno controlado por eles, temos que comemorar muito.

Nessas eleições, os lutadores socialistas do PSTU conseguiram vitórias muito importantes, ao ter votações significativas para nossos candidatos em todo o país e eleger Cleber Rabelo, em Belém, e Amanda Gurgel, em Natal. Alguma coisa dos ventos que sacode o mundo começam a soprar no Brasil.

Essa campanha vitoriosa foi realizada sem um centavo da burguesia ou da corrupção. Foi financiada pelos próprios trabalhadores e jovens que nos apoiam. Nessa campanha, não atuou nenhum cabo eleitoral pago. Toda ela foi feita pela militância e os simpatizantes do PSTU.

Essa campanha vitoriosa foi realizada sem um centavo da burguesia ou da corrupção.

A campanha foi uma expressão das lutas do movimento de massas. Cleber esteve à frente da duríssima greve da construção civil de 17 dias, em meio às eleições. Amanda surgiu no cenário nacional como uma professora em greve que questionou diretamente os parlamentares em um vídeo que se massificou rapidamente na internet.

E assim foi com o conjunto de nossos candidatos. Toninho, em São José dos Campos (SP), foi a expressão da luta do Pinheirinho e dos metalúrgicos da GM. Ana Luíza, em São Paulo, dedicou parte da campanha ao apoio à greve do funcionalismo público federal. Vanessa, em Belo Horizonte, é da direção do sindicato dos professores e de suas greves. Cyro Garcia, no Rio, é uma das mais importantes lideranças das lutas bancárias. Gonzaga, em Fortaleza, dirigiu as greves da construção civil.

Não aceitamos financiamento da burguesia como o PSOL. Não concordamos com o corte do ponto dos grevistas como Marcelo Freixo. Não defendemos alianças com partidos burgueses. Não aceitamos crescer eleitoralmente à custa de incorporar as práticas que já levaram o PT ao desastre atual.

Temos consciência de que conseguimos pontos de apoio em parlamentos burgueses para o que é mais importante: a luta direta dos trabalhadores. Temos agora mais apoio para as lutas contra os ACEs e a favor das greves.

Chamamos todos os que estiveram juntos conosco nessa campanha eleitoral a se juntarem a nós. Filiem-se o PSTU. O socialismo cresce.

Todos contra o Acordo Coletivo Especial

É preciso que cada sindicato e movimento leve esta discussão até os locais de trabalho, a toda sua base, trazendo os trabalhadores à luta para defender seus direitos

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

Vem ganhando corpo, nas últimas semanas, a campanha contra o chamado Acordo Coletivo Especial (ACE). Trata-se do anteprojeto de lei apresentado pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC) que permite acordos entre empresas e sindicatos rebaixando direitos assegurados na legislação trabalhista, a chamada prevalência do negociado sobre o legislado.

Além do Seminário vitorioso, realizado na sede do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - Sindicato dos Trabalhadores em Educação (CPERS), em Porto Alegre, aconteceu já uma plenária em São Paulo, outra em Belo Horizonte e estão sendo marcadas plenárias em vários estados nas próximas semanas.

Para além das plenárias, a discussão acerca desta proposta infeliz começa a ganhar corpo nos locais de trabalho, a partir da denúncia feita nos boletins das entidades sindicais e também nas ruas. Na manifestação que ocorreu em São Paulo, durante a greve dos bancários e trabalhadores nos correios, houve um inusitado debate entre os oradores que fizeram uso da palavra durante o ato. O representante da CSP-Conlutas, Altino Prazeres, presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, em sua fala, criticou o ACE, denunciando que o verdadeiro objetivo deste anteprojeto de lei é facilitar a flexibilização dos direitos dos trabalhadores. Em seguida o representante da CUT e seu presidente nacional, Wagner Freitas, defendeu o ACE, afirmando que a CUT o considera um avanço importante para as relações de trabalho no país. A defesa não surpreendeu, dada a localização política desta central, cada vez mais comprometida com os interesses do governo federal e dos grandes grupos econômicos, e cada vez mais longe dos interesses dos trabalhadores.

Mas não terminou aí a reação do presidente da CUT. Recentemente foi publicada uma nota da central polemizando com críticas que tem sido publicada na imprensa contra o ACE. Tudo isso reflete o fato de que está ganhando corpo a discussão que identifica nesta proposta o que ela realmente é: uma proposta para a flexibilização de direitos dos trabalhadores. Por isso, cresce entre os trabalhadores, e até mesmo na sociedade, a rejeição a esta mudança proposta pelo Sindicato do ABC.

AINDA HÁ MUITO PARA AVANÇAR

No entanto, o avanço à rejeição desse projeto não pode nos levar à acomodação. Todos sabem que os principais interessados na aprovação dessa proposta são as grandes empresas, montadoras de veículos à frente que, para reduzir custos e enfrentar em melhores condições a crise na economia que se avizinha, precisam flexibilizar, reduzir e mesmo eliminar direitos dos trabalhadores. Portanto, deve aumentar a pressão destes setores para que o projeto seja encaminhado ao Congresso Nacional para ser aprovado.

Além do apoio da cúpula da CUT, estes grupos econômicos contam também com o apoio do governo Dilma, que tem dado inúmeras demonstrações de que tem como prioridade atender os interesses dessa gente. Quanto à ampla maioria dos parlamentares do Congresso Nacional nem há o que se falar. Portanto, será preciso ampliar bastante a campanha que está lançada, até que tenhamos força suficiente para barrar de vez essa proposta e inviabilizar sua aprovação no Congresso.

É preciso que sejam realizadas plenárias nos estados onde o debate sobre o ACE ainda não foi feito. Precisamos generalizar essa discussão, criando, assim massa crítica na base para que possamos aumentar a pressão sobre parlamentares e autoridades. É preciso que cada sindicato e movimento, levem esta discussão até os locais de trabalho, a toda sua base, trazendo os trabalhadores à luta para defender seus direitos.

MANIFESTO E ATO POLÍTICO NACIONAL

Como parte disso, é muito importante reforçar o trabalho com o manifesto que foi aprovado no Seminário de Porto Alegre. É necessário levá-lo a todas as entidades, garantindo o máximo de assinaturas de sindicatos e dirigentes sindicais.

Cartaz da campanha contra o Acordo Coletivo Especial

E no final de novembro, dia 28, uma quarta-feira, será realizada a primeira atividade de caráter nacional contra o ACE. Trata-se de um Seminário Nacional que acontecerá no Auditório Petrônio Portela, no Senado Federal, onde será debatido o tema. Em seguida, será realizado um ato político contra a proposta do ACE. O seminário e o ato político estão sendo organizados por vários setores, dentre eles a CSP-Conlutas, o agrupamento "A CUT Pode Mais", e a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Alimentação (CNTA). Como conclusão deste ato político, será entregue aos parlamentares do Congresso Nacional uma cópia do Manifesto contra o ACE com todas as assinaturas coletadas até lá.

UNIR A TODOS NA LUTA CONTRA O ACE

Importante ressaltar que, apesar da CUT, ou pelo menos a sua cúpula, ter assumido a defesa da proposta de Projeto de Lei apresentado pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, muitas entidades ligadas a essa central já se manifestaram contrárias à proposta. Algumas delas já estão empenhadas com todas suas forças na luta para evitar a aprovação desta proposta. É preciso desenvolver todos os esforços para trazer para esta luta não só os setores da CUT contrários ao ACE, mas também outras organizações que queiram somar-se a esta luta.

PREVIDÊNCIA

O mesmo ato político contra o ACE será também palco para protestos contra as mudanças na Previdência Social, que estão sendo discutidas pelo governo federal, lideranças do Congresso Nacional e algumas centrais sindicais, dentre elas a CUT e Força Sindical. Querem substituir o fator previdenciário (que já foi rejeitado no Congresso, mas é mantido hoje por um veto realizado por Lula, então presidente da República) pela fórmula 85/95 (com transição para 95/105), o que significa trocar o seis pela meia dúzia.

Os obstáculos que o fator previdenciário estabelece para o acesso à aposentadoria são quase todos mantidos na fórmula 85/95. E ainda querem agregar a exigência de idade mínima para a aposentadoria (65 anos para os homens e 60 anos para as mulheres).

O protesto será para exigir o fim imediato do fator previdenciário, e para rejeitar tanto a fórmula 85/95, como a idade mínima para a aposentadoria. ■

"Economia verde não tem nada de sustentabilidade"

THIAGO CASSIANO, de Belém (PA)*

Osmarino Amâncio Rodrigues, conhecido líder seringueiro da Amazônia que, ao lado de Chico Mendes (assassinado em 1989), promoveu os chamados "empates" para defender a floresta da destruição provocada pela expansão do capitalismo na região. Recentemente Osmarino anunciou sua saída do PSOL e sua filiação ao PSTU. Em entrevista ao *Opinião* ele fala sobre sua saída do PSOL e avalia a política ambiental dos governos do PT, além de fazer um balanço duro sobre a ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva.

POR QUE VOCÊ SAIU DO PSOL E RESOLVEU SE FILIAR AO PSTU?

Osmarino Amâncio - O PSOL foi uma consequência de tudo que aconteceu na saída dos ativistas que foram expulsos do PT, por não terem acordo com a política implementada na reforma da Previdência. Eu achei que o PSOL seria um partido de massas, de esquerda, que lutasse pelo socialismo; um partido que não aceitaria conchavos com grandes empresas. Mas fui me surpreendendo a partir do momento em que eu vi alguns candidatos no Rio Grande do Sul recebem dinheiro da Gerdal. Então eu já vi que o partido começou um processo de degeneração. Isso é um principio de um partido de esquerda que não pode ser negociado, é uma bandeira criar condições para sua independência política, garantindo a sua independência financeira. O PSOL me surpreendeu ultimamente levando a Marina para apoiar as candidaturas a prefeitura do Rio de Janeiro, do Marcelo Freixo; em Belém com Edmilson; Amapá e entre outros.

Esse filme eu já vivi no PT. E então eu estou me filiando ao PSTU, por que eu acho que a gente não pode ficar neutro. Eu acredito que o PSTU tem sua trajetória. O PSTU se constrói e não aceita essas alianças com os inimigos da nossa classe. Eu estou indo para o PSTU com essa esperança, de contribuir pra que a gente possa ter uma proposta de reforma agrária sob o controle dos trabalhadores, que os demais partidos abandonaram, e contra a exploração dos meios naturais. Acho que eu e os meus companheiros da floresta temos muito a contribuir com os estudantes, com os professores, os servidores e os operários.

QUAL A SUA AVALIAÇÃO DA POLÍTICA AMBIENTAL DO PT?

Osmarino - O PT cumpriu na íntegra o que o capitalismo precisava. A política ambiental do PT é uma política de entreguismo total dos meios naturais. O PT criou mecanismos pra isso usando a Marina Silva, que veio do movimento dos empates na Amazônia. Ela veio do meio dos seringais, conhecendo toda nossa tática de luta, todas nossas estratégias. E para o Lula implementar toda essa política, eles tinham que ter o aval das ONGs, que foram todas assessorar a ministra.

VOCÊ TEM DENUNCIADO O MANEJO MADEIREIRO IMPLEMENTADO NA RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES, ONDE VOCÊ VIVE. COMO ISSO TEM CRIMINALIZADO OS SERINGUEIROS? AFINAL A RESERVA NÃO DEVERIA SERVIR ÀS POPULAÇÕES TRADICIONAIS?

Osmarino - Nós criamos a reserva e estudamos todas as formas de garantir a floresta de pé, garantindo a sobrevivência dos seringueiros. Criamos um plano de utilização que diz que não podemos desmatar mais do que 10% da área. Portanto, se eu tenho uma área de 300 hectares, eu posso desmatar até 30 deles para fazer meu roçado e ainda terei 270 hectares para aproveitar o açaí, o patuá, as ervas, o cacau, a pesca, as caças de subsistência, sem destruir ou ameaçar a natureza. Então, se tem todos os meios de implementar um trabalho sustentável na reserva.

> "Eu jamais imaginaria que a Marina Silva iria defender um projeto contra nós. É, sem dúvida alguma, a mais traidora completa do movimento"

O plano de manejo madeireiro vem destruindo com toda essa esperança da gente garantir que as gerações futuras conheçam o potencial natural, pois ele vem acompanhado da lei do projeto de gestão de florestas públicas, que entrega essas reservas para uma empresa privada e retira o direito do seringueiro de decidir.

A cada 50 mil hectares em que é feito um plano de manejo, 5 mil ficam totalmente sem um capim. Eles destroem tudo só com maquinário que serve pra tirar a madeira de dentro de floresta. No Acre, já são mais de 1 milhão de hectares sendo usados como área de desmatamento; são mais de 158 projetos de manejo de madeira.

E o que eles estão propondo para nós? Quem quiser utilizar uma árvore precisa fazer um plano de manejo, mas seringueiro nenhum tem condições de fazer isso, porque precisa da assinatura de um engenheiro florestal, agrônomo e dinheiro pra fazer isso tudo. Ou seja, aquilo que era costume nosso, da nossa sobrevivência, hoje virou crime.

ISSO TEM DIVIDIDO ASSOCIAÇÕES E SINDICATOS DA REGIÃO?

Osmarino - Tem dividido, porque hoje a grande maioria dos militantes do movimento sindical abraçou a bandeira da sustentabilidade sem nenhuma responsabilidade e vão fazendo o discurso do governo sem levar em consideração nenhuma consequência do que são esses projetos madeireiros, do mercado de carbono, das hidrelétricas, do hidronegócio.

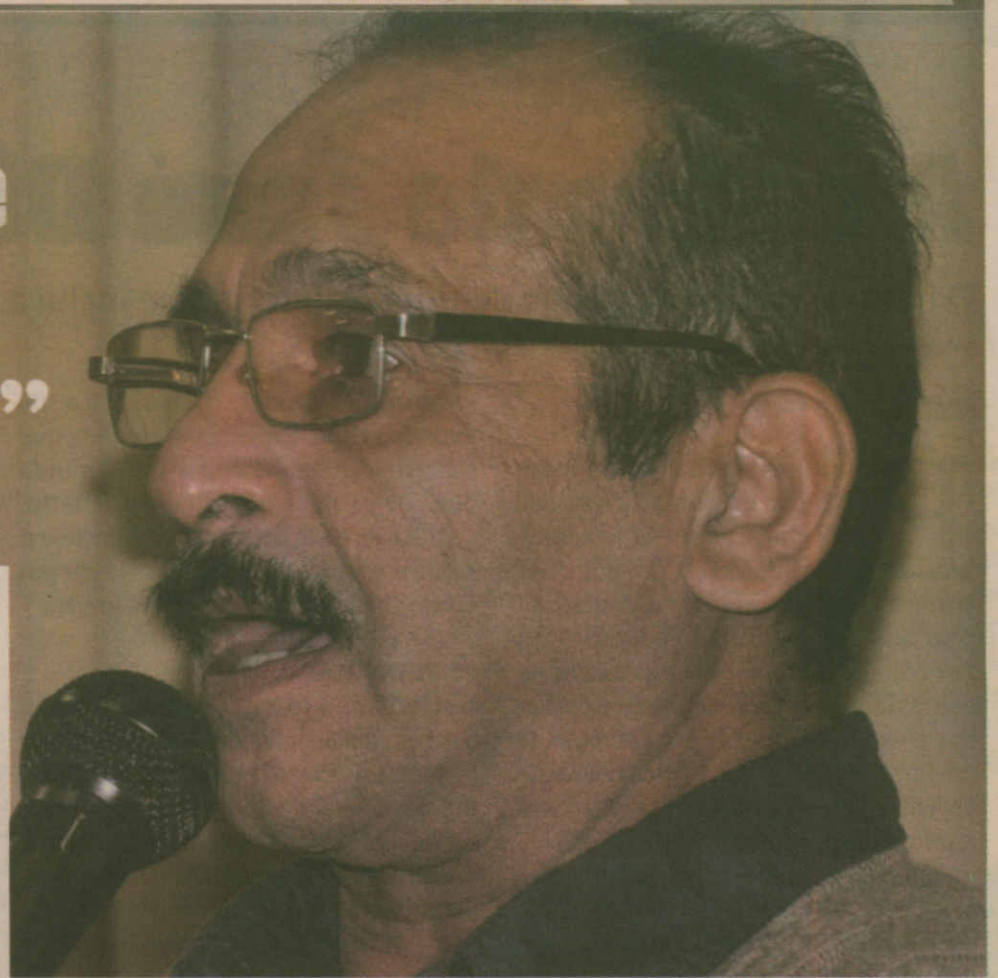
Essas lideranças não estão levando em consideração um projeto para as gerações futuras. Eles recebem um carro com ar condicionado, uma portaria que diz que ele vai ganhar um salário saindo da comunidade dele. Eu digo isso porque recebi essas propostas para eu sair de lá, pegar um salário, ganhar uma L200 ou um Hilux e viajar de um município para o outro. Eu vejo isso. Vejo companheiros que iniciaram a luta comigo e hoje estão andando de caminhonete com vidro fumê e não tem coragem de olhar de cabeça erguida pra gente. O movimento está dividido sim. Nós vamos ter que começar todo um trabalho de base para recuperar esses ativistas.

A EX-MINISTRA MARINA SILVA FOI SERINGUEIRA, MAS HOJE DEFENDE O "CAPITALISMO VERDE". QUAL A SUA AVALIAÇÃO SOBRE ELA?

Osmarino - Eu jamais imaginaria que a Marina Silva iria defender um projeto contra nós. Ela se sente bem recebendo prêmios de grandes ONGs, que são bancadas pelo grande capital, empresas americanas, bancos internacionais. Ela se sente feliz com isso e é lamentável, pois ela fortaleceu muito o projeto do capitalismo, que implementa a economia verde na nossa região. Foi cercada por diversas ONGs, que um dia se posicionaram contra a exploração de madeira e que depois mudaram da água pro vinho. É, sem duvida alguma, a completa traidora do movimento.

A Marina foi mentora e peça principal dessa lei (concessões de florestas públicas controladas pelo Estado) que privatiza a Amazônia. Aí chega um empresário com 50 mil dólares e pede a concessão por 40 anos. É um projeto de mercantilização dos meios naturais.

Como diz na bíblia, dizei com quem tu andas e que te direi quem tu és. E com quem Marina anda? Com o dono da Natura, empresários da Camargo Corrêa, com as grandes ONGs capitalistas. Economia verde é isso, é a mudança de nome que o sistema inventa para justificar o capitalismo na Amazônia, que não tem nada de sustentabilidade.

* colaborou Jeferson Choma.

A culpa de José Dirceu

O mensalão foi o desfecho de uma trajetória que inclui a direitização do PT e os ataques no governo Lula

DIEGO CRUZ, da Redação

Enquanto fechávamos essa edição, o ex-ministro da Casa Civil do governo Lula e dirigente histórico do PT, José Dirceu, acabava de ser condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por corrupção ativa no julgamento do mensalão. Dirceu é acusado de chefiar o esquema de compra de votos de parlamentares para a aprovação de projetos do governo na Câmara, como a reforma tributária e previdenciária.

É a volta de José Dirceu aos holofotes após sete anos de relativo ostracismo, desde a cassação de seu mandato de deputado federal no auge do escândalo que abalou o governo Lula em 2005. Na acusação da Procuradora Geral da República ao STF, Dirceu integra o chamado núcleo político do mensalão, junto com o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, e o ex-presidente do partido, José Genoíno. Todos já condenados.

As condenações jogaram por terra a estratégia do PT de transformar o ex-tesoureiro em bode expiatório do escândalo. As penas, de acordo com a sua aplicação pelos ministros, podem chegar de 8 a 108 anos de prisão. Especula-se, porém, que Dirceu seja condenado a uma branda pena de prisão em regime semiaberto. O que não deve atenuar o desgaste e o significado do ex-homem forte do governo Lula ir parar atrás das grades.

CHEFE DO MENSALÃO

O STF condenou o ex-ministro com base em fartos indícios e evidências que o apontam como o mandante do esquema do mensalão. Evidências como reuniões realizadas pelo então ministro e a cúpula dos bancos BMG e Rural, momentos antes dos repasses milionários que iam parar nas mãos dos deputados da base aliada.

Diante da condenação de José Dirceu, o próprio, junto com o PT e amplos setores da esquerda, acusam um suposto conluio da direita para atacar o ex-dirigente do Partido dos Trabalhadores. Para embasar essa tese, apoiam-se sobre a aura de "dirigente de esquerda" que o ex-guerrilheiro e ex-líder do movimento estudantil ainda conserva e procura manter. Mas o que disso é verdadeiro?

QUEM É DIRCEU?

José Dirceu apoia sua autoridade política sobre a imagem do antigo dirigente estudantil na década de 1960. Presidiu a União Estadual dos Estudantes (UEE) de São Paulo, e foi preso no congresso da UNE em Ibiúna em 1968, quando já era uma liderança nacional. As imagens de Dirceu discursando com a camisa ensanguentada do estudante José Guimarães, morto na batalha da rua Maria Antônia, tornaram-se históricos registros daquela época.

O exílio após o sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick em 1969, a sua ida para Cuba e a tentativa de se engajar à luta armada no país, na década de 1970, consolidaram o mito do guerrilheiro. Mas foi só após a anistia em 1979, que José Dirceu deixaria a clandestinidade para reassumir uma posição pública de dirigente político, participando da formação do PT. E foi aí que exerceu papel determinante para os rumos que o partido iria tomar nas décadas seguintes.

José Dirceu integrou a "Articulação dos 113" (futura Articulação), corrente burocrática que dirigiu o partido e que contava com nomes como o próprio Lula, Luiz Dulci, Gushiken etc. Nos anos 1990, Dirceu foi um dos principais artificies do processo de institucionalização do partido e a sua adaptação ao aparato do Estado. Uma política social democrata que o dirigente impunha de forma estalinista, passando por cima e expulsando opositores.

INSTITUCIONALIZAÇÃO E DIREITIZAÇÃO DO PT

Foi Dirceu quem comandou, por exemplo, a expulsão da então Convergência Socialista (principal corrente que formaria o PSTU) das fileiras do PT. A gota d´água para isso foi a polêmica em torno do "Fora Collor" defendido pela CS em 1991. Segundo o próprio Dirceu em entrevista ao jornal da Convergência: "Uma das duas: ou se trata de uma bandeira para agitação ou propaganda, ou na verdade encobre a tática da CS de propor ao PT derrubar o governo Collor, expressa na palavra de ordem 'Fora Collor'. Estou contra que o PT assuma essa tática e se misture a setores de direita contra o governo e, pior, que o PT se isole na sociedade e no Congresso Nacional".

O então Secretário Geral do PT defendia a tática de desgastar Collor até as eleições em 1994. A Convergência, por sua vez, não se submeteu à política da direção majoritária e chamou o "Fora Collor" publicamente. As mobilizações das massas que varreram o país obrigaram, por fim, o PT ir a reboque dessa palavra de ordem.

A direção do PT, porém, contrariada com a "indisciplina" da CS, apresentou uma resolução que propunha regulamentar o direito das tendências internas do PT, com o claro objetivo de acabar com a independência das correntes. A resolução impedia as tendências de manterem sedes, finanças e jornais próprios.

Em abril de 1992, foi José Dirceu quem apresentou, em uma reunião da Executiva Nacional do PT, uma resolução dando prazo de 15 dias para a Convergência se enquadrar às normas. No mês seguinte, a direção do partido oficializava a expulsão da corrente.

AGENTE DO CAPITAL FINANCEIRO

O dirigente do PT teve ainda papel destacado nos rumos do governo Lula, quando o partido deu sua definitiva guinada à direita. Coordenou a campanha eleitoral à presidência em 2001, sendo um dos articuladores da chapa com o empresário José Alencar como vice, assim como na elaboração da "Carta aos Brasileiros", em que dava todas as garantias ao sistema financeiro internacional que, no Brasil, seus interesses continuariam prioridades no novo governo.

Apeado do poder após a cassação, Dirceu foi ganhar dinheiro atuando como "consultor", eufemismo para lobbysta, de grandes empresários. Teve como cliente ninguém menos que o megaempresário mexicano Ricardo Salinas, apontado como um dos homens mais ricos do mundo e interessado no mercado brasileiro. Ou seja, ele próprio se tornou um rico empresário, a exemplo de colegas como Luiz Gushiken. E é nessa condição que deve conseguir amenizar ao máximo sua pena, num país em que ladrões de galinhas são presos, mas ricos não vão para a cadeia.

O homem sentado nos bancos dos réus não é o ex-dirigente estudantil perseguido e preso pela ditadura. Mas um dos principais responsáveis pela guinada à direita do PT, do domínio dos bancos no governo Lula e, por fim, pela compra de votos no Congresso para a aprovação de projetos contra os trabalhadores, como a reforma da Previdência. ■

Sinais de mudanças

Eleições: vitória governista... mas espaço de oposição de esquerda se amplia

EDUARDO ALMEIDA, da redação

As eleições burguesas expressam de forma distorcida a relação de forças na sociedade. As que estão ocorrendo no Brasil mostram a situação não revolucionária, o peso do governo. Mas também sinalizam perspectivas de mudanças, demonstrando um espaço de oposição de esquerda real no país.

Existe um marco geral de estabilidade burguesa que explica em grande parte as vitórias eleitorais do governismo (seja federal, estadual ou municipal). Ou ainda, que a amplíssima maioria dos candidatos vitoriosos esteja no marco dos dois blocos burgueses (PT e partidos da base governista de um lado, PSDB e DEM de outro).

Mas houve diferenças com as eleições de 2008, no qual esse governismo teve um peso quase absoluto, com os prefeitos conseguindo se reeleger ou impor seus substitutos em todo o país. Dessa vez, se expressou uma experiência desigual das massas com as prefeituras, a primeira instância do poder visível. A aprovação ou não dos prefeitos atuais, por exemplo, teve um papel central nas eleições de São Paulo e Recife (rejeição a Kassab, do PSD, e João Costa, do PT), assim como na de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre (aprovação de Marcio Lacerda, Paes e Fortunatti).

Existiu também uma ruptura no plano municipal do bloco de partidos de apoio a Dilma. O mais importante foi a do PSB com o PT em Recife, Belo Horizonte e Fortaleza. O PSB venceu nas capitais de Minas, Pernambuco e segue na disputa em Fortaleza. Assim cacifa seu presidente, Eduardo Campos, para as eleições de 2014, seja para um lugar privilegiado na chapa comandada pelo PT, seja para o bloco da oposição de direita (com Aécio Neves, do PSDB).

A POSSÍVEL VITÓRIA PETISTA

Está ocorrendo um segundo turno em 17 capitais e muitas outras grandes cidades, que selarão um balanço definitivo das eleições. Qualquer avaliação nesse momento deve permanecer em aberto. Mas algumas hipóteses já podem ser apontadas.

É provável que o PT vença em São Paulo em função da alta taxa de rejeição à José Serra (PSDB). Caso isso aconteça, pode ser que o PT saia dessas eleições com uma grande vitória. Uma vitória importante no estado de São Paulo (incluindo ABC, a região de São José dos Campos, além de Osasco e Guarulhos) que pode alavancar a disputa pelo governo do estado em 2014. Uma vitória nacional, caso ganhe a maioria das outras disputas municipais.

> Mas existe um elemento novo nessas eleições. O espaço de oposição de esquerda se expressou como não havia ocorrido desde o início dos governos petistas

Vai se materializar aqui um elemento muito importante da situação nacional: o peso do governo petista. Existe ainda uma alta aprovação de Dilma, que segue com índices próximos a 70% de aprovação. Caso eleja Haddad, Lula terá repetido sua vitória com Dilma, elegendo um antes quase desconhecido na principal cidade do país.

Existe a possibilidade de uma vitória de conjunto do PT e dos partidos da base governista nessas eleições, selando mais uma derrota da oposição de direita.

UM SINAL DO NOVO: O ESPAÇO DE OPOSIÇÃO DE ESQUERDA SE AMPLIA

Mas existe um elemento novo nessas eleições. O espaço de oposição de esquerda se expressou como não havia ocorrido desde o início dos governos petistas. Em 2006, a maior expressão disso foi Heloísa Helena (6,85%, frente PSOL-PSTU-PCB). Agora houve votações bem maiores em muitas cidades do país.

A ida dos candidatos do PSOL, como Edmilson Rodrigues, em Belém, e de Clésio para o segundo turno, em Macapá, assim como votações de peso em Freixo no Rio (28%); Roseno (12%), em Fortaleza; e Vera (6,68%), do PSTU, em Aracaju, indicam um dado novo da realidade.

Pode ser que esteja começando a se expressar um desgaste pela esquerda do PT em função da tendência a estagnação na economia que está chegando à consciência das massas. Pode ser reflexo do ascenso sindical existente no país, que apesar de não ser generalizado tem originado enfrentamentos com o governo. Em menor nível, pode ser também reflexo dos desgastes causados pelas denúncias de corrupção no escândalo do mensalão.

O Brasil está, lentamente, se aproximando da instabilidade internacional. Ainda tem uma economia em crescimento, embora pequeno e um governo de prestígio. Mas existe essa aproximação lenta através das mudanças da economia, no ânimo da vanguarda que acompanha as revoluções no Oriente Médio e Norte da África, assim como as mobilizações dos trabalhadores e da juventude na Europa.

Mas esse espaço pode sinalizar modificações na realidade política brasileira. Como estamos falando de um fenômeno inicial, de um elemento de transição dentro da situação não revolucionária, tudo isso pode retroceder. Mas é um dado alentador que exista nos dias de hoje, e que sinaliza um processo que pode se ampliar na realidade concreta da luta de classes pós-eleitoral.

Outra coisa é a resposta dada a esse espaço de oposição de esquerda pelos distintos partidos que intervém nessa luta. O PSOL está armando novas frentes populares, bem semelhantes as que foram construídas no passado pelo PT. Em Belém, Edmilson procura o PMDB para costurar uma aliança para o segundo turno. Em Macapá, o PSOL se aliou ao PV, PSB, PRTB. Em ambas as cidades, o PSOL defende um programa que em nada se diferencia dos apresentados pelo PT. Ou seja, o PSOL se apropria do espaço a esquerda para recriar as mesmas receitas do PT.

Ao contrário, o PSTU apresentou candidaturas como as de Vera, em Aracaju, com um programa classista e socialista, não precisando girar a direita para ganhar votos. Assim também foi em Belém e Natal, com a eleição de Cleber e Amanda, vitórias construídas com um perfil oposto ao do PT e da burguesia. ■

UMA CAMPANHA DIFERENTE

DA REDAÇÃO

O PSTU provou que é possível fazer uma campanha diferente. A eleição de Amanda Gurgel, em Natal, e de Cleber Rabelo, em Belém, contrariam uma prática muito em voga nos últimos anos. Para ganhar as eleições, muitos partidos de "esquerda", como PT e PCdoB, moderaram seu discurso, substituiram seus militantes por cabos eleitorais pagos e aceitaram dinheiro de empresários e banqueiros para financiar suas campanhas.

O resultado não poderia ter sido outro. Ao invés deles mudarem o sistema, foi o sistema que os mudou. Hoje esses partidos governam para a grande burguesia e o capital financeiro atacando os trabalhadores.

As campanhas da professora Amanda e do "peão" Cleber são exemplos do tipo de partido que o PSTU é. O partido comprovou que não precisa "amenizar" o discurso, mudar seu programa, ou fazer qualquer outra ação que leva, inevitavelmente, ao "vale tudo" eleitoral.

Elegemos os nossos candidatos em campanhas genuínas, sem o dinheiro da burguesia, sem promessas mirabolantes, sem cabos eleitorais pagos, apenas com o heróico esforço dos nossos militantes e apoiadores. Foi desse jeito que Amanda foi a vereadora mais votada da história de Natal e percentualmente a mais votada das capitais brasileiras. Foi assim que Cleber será o primeiro operário da construção civil eleito vereador em Belém. Também foi assim que Vera Lúcia, candidata à prefeitura de Aracaju (SE), obteve uma significativa votação (quase 7%), o que fortaleceu uma terceira via de esquerda contra a falsa polarização entre PT e PSDB.

Você não verá Cleber e Amanda fazendo conchavos com os políticos em seus gabinetes. Nosso mandato será nas ruas, ao lado da luta dos trabalhadores. Será nos canteiro de obras, escolas e bairros pobres. Será na luta contra as mordomias dos políticos. Não mudamos de lado! Com a palavra: Cleber e Amanda.

"Com sonhos não se brinca"

DA REDAÇÃO

Ainda emocionada e exausta pela intensa campanha, Amanda Gurgel falou sobre o significado dessa vitória. Com uma votação recorde de quase 33 mil votos em Natal, mais do que o dobro do mais votado até então, a professora canalizou a indignação da população natalense e fez questão de agradecer a todos os apoiadores. *"Minha energia e disposição vieram deles"*, diz. Enquanto fechávamos essa edição, o partido preparava uma grande carreata da vitória, uma tradição em Natal, e já estava retornando aos principais locais da campanha, como o Loteamento Nova Natal, com um panfleto de Amanda, de agradecimento.

OPINIÃO SOCIALISTA - QUAL A AVALIAÇÃO QUE VOCÊ FAZ DESSA CAMPANHA?

Amanda Gurgel - Foi uma grande vitória. Contávamos com a possibilidade de sermos eleitos ou não, mas já tínhamos a festa preparada, porque de qualquer forma foi uma campanha muito comovente. Moveu de forma espontânea idosos, crianças, que colavam adesivos nas bicicletas, trabalhadores dos mais diversos setores, como saúde, educação, além de operários que vinham pegar material para distribuir. Várias pessoas vinham nos dizer que essa seria a primeira vez que votariam sem receber dinheiro. Foi uma campanha limpa, que esteve voltada a um projeto coletivo, não a um interesse individual como são normalmente as demais campanhas.

VOCÊ PERCORREU AS RUAS DE NATAL, OS BAIRROS MAIS POBRES E TEVE MUITO CONTATO COM A POPULAÇÃO. O QUE MAIS OUVIU?

Amanda - Olha, os principais problemas dos quais a população reclama não são nenhuma novidade. São problemas que são sentidos desde sempre como a educação que está esquecida, o descaso com a saúde, o esgoto a céu aberto... Agora, a reivindicação que eu mais ouvi é a de que eu não mudasse de lado. Muitos vinham me pedir para que eu não os desapontasse, não os frustrasse. Porque aqui já houve parlamentares ligados à educação que, quando foram eleitos, começaram a apoiar os projetos do governo e deixaram de lado as reivindicações dos professores. Então, nós explicamos que nosso mandato será diferente, não vai ser voltado para os interesses dos poderosos.

A QUE VOCÊ ATRIBUI ESSA VOTAÇÃO HISTÓRICA EM NATAL?

Amanda - Foi realmente histórica. A gente atribui ao fato de as pessoas estarem "cheias" com a política. Foi um recado claro que as pessoas deram aos políticos tradicionais. Tivemos até a grata surpresa de elegermos mais dois candidatos da Frente Ampla de Esquerda, dois companheiros do PSOL. Nós vamos fazer a diferença, com um mandato a serviço das lutas. Os políticos de Natal perderam o sossego.

> "Os políticos de Natal perderam o sossego"

E COMO VAI SER O MANDATO DE UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO NA CÂMARA DE VEREADORES?

Amanda - Então, as pessoas já estão ansiosas para ver como vai ser um mandato socialista, de um partido revolucionário. Temos que falar que vai ser absolutamente diferente dos políticos que estão aí. Não vai ter conchavos ou acordos, não vai ter projeto a favor dos poderosos. Vai sim ter muita denúncia dessa situação, vai ter projetos discutidos com a população e os trabalhadores. Um mandato revolucionário é isso.

JÁ HÁ ALGUM PROJETO EM MENTE PARA SER APRESENTADO?

Amanda - Com certeza, uma das primeiras coisas que vamos fazer vai ser exigir a aplicação dos 30% do orçamento do município na Educação, que foi um dos eixos de nossa campanha. Sabemos que é muito dinheiro, mas grandes problemas exigem grandes investimentos.

Não tenho a menor ilusão quanto a ter apoio e alianças dentro da Câmara. Na campanha, ficou muito claro que o dever das pessoas não era só votar e pedir votos, elas teriam também que construir o mandato. Não há outro jeito de aprovar esses projetos senão os próprios beneficiados por eles fazerem pressões nas ruas, dentro da Câmara, no momento da votação, para presenciar e ver de perto quem está votando a favor das pessoas. Vai ser um mandato intenso, de luta incansável em defesa dos trabalhadores e da juventude.

COMO VAI FAZER EM RELAÇÃO AO SALÁRIO, DE 15 MIL?

Amanda - O salário do vereador é suficiente para pagar o de quase treze professores da rede municipal. Essa discrepância é inadmissível, um absurdo que não tem tamanho. Então, obviamente, por uma questão de coerência, eu jamais pegaria nesse salário de vereadora, que não vai entrar no meu bolso. Desse salário, eu vou tirar o meu salário de professora.

A principal razão é porque nós, do PSTU, fazemos isso com um objetivo, que é não permitir que esqueçamos quem somos. Quantos representantes dos trabalhadores não mudaram, com um salário desses, com um monte de tapinha nas costas, mordomias? Eu vim pra mudar, não pra ser mudada. Não vim pra ficar em um gabinete com ar condicionado, enquanto lá fora a vida das pessoas continua a mesma.

Sei da responsabilidade que tenho. Os quase 33 mil votos que recebi significam os sonhos de muitas pessoas. E com sonhos não se brinca.

"Nosso mandato será nos canteiros de obras"

THIAGO CASSIANO, de Belém (PA)*

OPINIÃO SOCIALISTA: COMO VOCÊ AVALIA O RESULTADO DAS ELEIÇÕES?

Cleber Rabelo - Para nós essas eleições representam uma vitória histórica. Elegemos o primeiro operário da construção civil para a Câmara de Belém. Uma conquista que é fruto do abandono e do caos social deixado pelo atual prefeito, Duciomar Costa (PTB), e pelos vereadores de nossa cidade. Isso impulsionou um forte sentimento de mudança entre os trabalhadores. Mas também representa o avanço do trabalho político que o PSTU vem desenvolvendo em Belém, em particular sobre os trabalhadores da construção civil. Dos 35 vereadores da Câmara Municipal, apenas 16 conseguiram se reeleger. Só a Frente de Esquerda (PSOL-PSTU) elegeu cinco vereadores, um resultado expressivo para a esquerda socialista de nossa capital.

Em relação à eleição para prefeito, nossa chapa, encabeçada pelo companheiro Edmilson Rodrigues (PSOL), obteve uma vitória muito importante, chegando em 1º lugar. No entanto, a candidatura dos patrões, de Zenaldo Coutinho (PSDB), teve um forte crescimento nas últimas duas semanas a partir da entrada da máquina do governo do estado, levando a disputa para o segundo turno.

QUAL SUA EXPECTATIVA EM RELAÇÃO AO SEGUNDO TURNO?

Cleber - Vai ser uma disputa muito acirrada. O PSDB vai jogar mais dinheiro e partir para uma campanha de calúnias e baixarias contra a frente "Belém nas Mãos do Povo" (PSOL-PSTU-PCdoB). Mas confio que sairemos vitoriosos se conseguirmos refletir nessa disputa eleitoral a luta de classes. Trata-se de duas candidaturas opostas: a de Edmilson, que é a candidatura dos trabalhadores e do povo pobre, e a de Zenaldo, dos grandes empresários, banqueiros e latifundiários.

Zenaldo representa uma candidatura da direita reacionária que privatizou nossas riquezas naturais e empresas públicas. Sempre reprimiu os movimentos sociais, como aconteceu aqui em abril de 1996, quando o governo do PSDB mandou assassinar 17 trabalhadores sem terra.

Edmilson e o PSOL devem se apoiar política e financeiramente nos trabalhadores e nas suas lutas para polarizar a eleição no segundo turno e para garantir uma vitória com um programa que defenda os interesses de nossa classe. É um erro girar à direita no programa e no perfil e seguir recebendo dinheiro dos empresários para não perder as eleições. Estamos com Edmilson nesse segundo turno contra o tucanato, mas iremos manter nossa independência política e nossas críticas em relação aos temas e acontecimentos fundamentais da campanha. Antes de tudo, estamos com os trabalhadores.

> "Vamos lutar pra acabar com as mordomias dos políticos. Vamos desafiar os políticos a viverem como os trabalhadores"

O QUE OS TRABALHADORES ESPERAM DE SUA ATUAÇÃO NA CÂMARA?

Cleber - Um trabalhador me disse durante a campanha que estava muito ansioso para ver um político do PSTU, pois essa seria sua última esperança depois da decepção com o PT. Nos canteiros de obra há uma grande euforia, pois todos os anos fazemos lutas muito duras contra a patronal, como foi a greve deste ano. Com o mandato, nossa luta terá uma voz na Câmara e melhores condições de vitória. Vamos denunciar com mais visibilidade as péssimas condições de trabalho, salário e segurança nos canteiros de obra e propor projetos de leis que defendam os operários e responsabilizem os empresários pela segurança e por melhores condições de trabalho.

Nosso mandato será um apoio para as lutas dos trabalhadores. Vamos fortalecer as greves, as mobilizações nos bairros por saneamento, transporte, segurança e apresentar projetos e emendas que defendam os serviços públicos, como o aumento dos investimentos em educação, saúde, cultura e habitação. Sempre apoiado nas mobilizações diretas dos trabalhadores. Nosso mandato não será um mandato de gabinete, será das ruas. Vamos mostrar que é possível fazer um mandato diferente. Vamos lutar pela redução dos salários do prefeito, do vice-prefeito e dos vereadores pra acabar com as mordomias dos políticos. Vamos desafiar os políticos a viverem como os trabalhadores.

COMO O PSTU ESTÁ SAINDO DESSA ELEIÇÃO?

Cleber - Muito mais fortalecido. Filiamos mais de 900 novos ativistas, dos quais 700 são operários da construção, e estamos incorporando algumas dezenas deles nos novos e antigos núcleos da regional. Demos um salto no movimento popular, na relação política com as ocupações urbanas como em Mosqueiro, Terra Firme e Outeiro e conquistamos o respeito e a confiança de grande parte dos trabalhadores de Belém. Essa é sem dúvida a principal conquista do PSTU nas eleições.

O socialismo, como alternativa política para a humanidade, e o instrumento político necessário a essa luta, o partido revolucionário, se fortaleceram muito. Tudo isso só foi possível com o empenho e esforço pessoal de cada militante e apoiador que fizeram campanha sem ganhar um centavo. Nosso combustível são nossos sonhos. Queria agradecer, em nome da direção do partido, a cada ativista e militante que contribuiu para essa vitória. ■

ARACAJÚ

Vera fica em terceiro lugar, com 6,68% dos votos

ABRAÇOS E CONFIANÇA. Votação foi a resposta de um expressivo número de trabalhadores que não se deixou enganar pela falsa polarização DEM-PSDB e PSB-PT.

ROBERTO AGUIAR e ZECA OLIVEIRA, de Aracaju (SE)

Em Aracaju, 20.241 pessoas afirmaram nas urnas que queriam Vera como prefeita. Isso corresponde a 6,68% do eleitorado, o melhor resultado da história do partido em eleições para o executivo municipal.

Infelizmente, João Alves (DEM) foi eleito com 52,72% dos votos. A velha oligarquia foi ressuscitada devido ao fracasso estrondoso do governo do PT e do PCdoB. Valadares Filho (PSB) ficou em segundo lugar com 37,62%. Em quarto, ficou Reynaldo Nunes (PV) com 2,98%. Almeida Lima (PPS) retirou sua candidatura dois dias antes da eleição.

"Enfrentamos quatro candidaturas com orçamentos acima de R$ 1 milhão de reais e fizemos uma campanha baseada unicamente na militância, no trabalho voluntário e na capacidade de arrecadação financeira dos próprios trabalhadores. Em um programa de TV de 2 minutos e 7 segundos, fomos capazes de apresentar propostas, ao mesmo tempo em que responsabilizamos os atuais e passados governantes pela difícil situação em que se encontram os trabalhadores", afirmou Vera.

CAI A MÁSCARA DO PT-PCDOB

O que explica esse importante resultado eleitoral é uma mudança da consciência dos trabalhadores aracajuanos, que se sentiram traídos pelos governos do PT e do PCdoB.

Para se vingar destes partidos, as pessoas acabaram votando no empresário da construção civil e ex-prefeito nomeado pela ditadura, João Alves. Além disso, uma parte importante da burguesia refez seus cálculos e decidiu que o melhor mesmo é ter um deles no poder.

A votação de Vera é a resposta de um expressivo número de trabalhadores, desempregados, donas de casas e estudantes que moram nos bairros mais pobres de nossa cidade, como o Santa Maria e Santos Dumont. Gente que não se deixou enganar pela falsa polarização DEM-PSDB e PSB-PT. É também expressão das lutas de importantes categorias como professores, servidores públicos federais e trabalhadores da saúde.

UM EXEMPLO DE CAMPANHA

A eleição em Aracaju é um exemplo para a esquerda socialista. Comprovou que é possível dialogar com uma ampla parcela da população sem rebaixar o programa, sem fazer alianças com setores burgueses e sem receber dinheiro de empresários. Mais que é isso é possível unir a esquerda construindo acordos que respeitem o peso político de cada organização, debatendo com o conjunto da militância e apoiadores de campanha de forma democrática desde o tempo de TV e rádio ao eixo programático da campanha, discutindo as divergências políticas de forma fraterna.

Foi uma campanha vitoriosa, animada e que demarca um campo importante para esquerda socialista na capital sergipana. *"Nossa vitória consiste em que despontamos como uma força política real em Aracaju. Os partidos de esquerda se uniram para mostrar que há sim pessoas que não se rendem e não se vendem; que os trabalhadores podem sim se organizar em torno de um programa que atenda às suas necessidades e que tal programa pode sim ter apoio popular. A partir de agora, os governantes de plantão e todos os partidos políticos terão que contar com esse fato"*, concluiu Vera.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Toninho é o quinto mais votado para a Câmara

Ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, advogado e dirigente do Pinheirinho recebeu 6.677 votos, mas não foi eleito devido ao coeficiente eleitoral.

LEANDRO SOTO, de São José dos Campos (SP)

Em meio a uma grande polarização entre PT (50,99%) versus PSDB (43,1%), e sem coligação, Toninho Ferreira, foi o quinto candidato mais votado, com 6.677 votos, para uma das 21 vagas de vereador na Câmara de São José dos Campos (SP).

O resultado demonstra de forma incontestável que o desejo democrático da população era eleger Toninho vereador. Apesar disso, Toninho não assumirá uma cadeira na Câmara devido ao coeficiente eleitoral que não foi atingido.

Por outro lado, em razão do coeficiente, candidatos que obtiveram menos da metade dos votos de Toninho irão assumir um lugar na Câmara. Este mesmo coeficiente é a razão pela qual apenas um terço da câmara de São José será renovada, embora mais de 70% da população tenha votado em candidatos que atualmente não possuem mandato.

Apesar de não ser eleito, a expressiva votação de Toninho o credencia ainda mais para seguir impulsionando as lutas dos trabalhadores da cidade e fiscalizar a Prefeitura e a Câmara no próximo período, num verdadeiro mandato popular. *"Mesmo não sendo eleito, me sinto vereador e vou defender os trabalhadores. Gostaria de agradecer a todos que votaram e fizeram minha campanha. A luta permanece e seguiremos adiante"*, afirmou Toninho.

UM RESULTADO QUE FORTALECE AS LUTAS E O PSTU

Em São José, o ano de 2012 foi marcado por uma forte resistência a dura ofensiva dos governos e dos patrões sobre os trabalhadores da cidade. Dois embates ganharam repercussão nacional e internacional: a batalha pelo Pinheirinho e a luta contra as demissões na GM, ainda em curso.

Junto com a campanha da candidatura de Ernesto Gradella para prefeito, o PSTU colocou na rua uma campanha viva, marcada pela abnegação e dedicação de centenas de militantes, ativistas e simpatizantes que fizeram parte desta grande corrente que colocou Toninho entre os cinco candidatos mais votados. Ao longo da campanha o PSTU cresceu e realizou mais de 423 novas filiações.

Além do vitorioso resultado eleitoral, a campanha serviu como instrumento de apoio as lutas e a conscientização dos trabalhadores da cidade. Foi uma campanha pautada pela defesa dos moradores do Pinheirinho e bairros irregulares, a defesa dos empregos na GM, dos direitos dos trabalhadores e das campanhas salariais de metalúrgicos, funcionários dos correios, bancários, petroleiros etc.

A votação de Toninho demonstra o forte apoio popular que o PSTU recebeu para seguir impulsionando essas e outras lutas. Cada voto em Toninho representa um voto contra a desocupação do Pinheirinho, em defesa dos trabalhadores da GM, contra as opressões e os supersalários dos vereadores. Cada voto em Toninho expressa o fortalecimento da luta por uma sociedade justa e igualitária, sem explorados e exploradores, e a confiança de que vale a pena lutar por um futuro socialista.

AO LONGO DA CAMPANHA, o PSTU cresceu e realizou mais de 423 novas filiações.

MINAS GERAIS

Vanessa Portugal é a alternativa

Entre os candidatos de oposição, Vanessa Portugal se destacou pelo programa socialista e defesa das reivindicações dos trabalhadores.

ROBERTO AGUIAR e ZECA OLIVEIRA, de Aracaju (SE)

A candidatura de Vanessa Portugal (PSTU) cumpriu um papel fundamental. Vanessa teve quase 20 mil votos (1,55%), com um claro perfil de oposição Márcio Lacerda (PSB/PSDB), reeleito Prefeito de Belo Horizonte.

Vanessa denunciou as falsas promessas, mostrou que a vida real vai mal, e defendeu uma inversão de prioridades: deixar de governar para banqueiros e empresários para governar para os trabalhadores e a maioria da população. Demonstrou também que o PT de Patrus Ananias não é mais uma alternativa para os trabalhadores, já que tem o mesmo projeto político de Lacerda.

Foi com este perfil que a candidatura de Vanessa se manteve em terceiro lugar nas pesquisas durante toda a eleição, só caindo para a 4º colocação na última semana, quando as três principais emissoras de TV (Globo, Record e SBT) decidiram excluí-la dos debates de TV, o que teve impacto decisivo no resultado eleitoral.

"Fizemos uma bela campanha. Um exemplo de que é possível defender os interesses dos trabalhadores sem ceder à pressão dos poderosos. "Gostaria de agradecer a todos os apoiadores que assumiram as nossas candidaturas, assim como aos milhares que votaram em um programa socialista para cidade", afirma Vanessa.

LACERDA VENCE, MAS RESISTÊNCIA CRESCE

Lacerda foi reeleito com 52,69% dos votos válidos. Este resultado é uma vitória dos grandes banqueiros e empresários da cidade, bem como dos setores mais à direita, como o PSDB e de Aécio Neves e Anastasia, que governam o estado. É uma derrota para os trabalhadores e a população em geral, que terão que enfrentar mais quatro anos de privatizações, precarização dos serviços públicos e truculência com os movimentos sociais.

Já Patrus Ananias (PT/PMDB) teve 40,8% dos votos, mas amargou uma grande derrota. O PT pagou o preço de ter construído Lacerda há quatro anos, em uma aliança com o PSDB. Governaram a cidade junto com Lacerda e depois romperam na última hora, devido a uma disputa de cargos.

Durante todo este tempo, o PT não teve um projeto diferente de Lacerda. Incorporam as privatizações, o ataque aos serviços públicos e movimentos sociais como forma de governar. Agora, a criatura se voltou contra o criador, e o PT entregou de vez a Prefeitura ao PSDB.

RESISTÊNCIA CRESCE

No entanto, tudo indica que vai haver mais resistência a este projeto daqui para a frente. Considerando o total dos votos, apenas 36% da população votou em Lacerda. 64% votaram em outros candidatos ou se abstiveram. 6% votaram em candidaturas de esquerda (PSTU, PSOL, PCO). Isso é reflexo do desgaste de Lacerda à frente da Prefeitura, e do crescimento das lutas dos trabalhadores, da juventude e movimentos sociais da cidade.

OPOSIÇÃO PRA VALER

Agora, Vanessa e o PSTU se preparam para iniciar um trabalho de oposição à Prefeitura junto aos trabalhadores e movimentos sociais: *"Vamos ser uma oposição firme desde o primeiro dia, preparando desde já a luta contra a privatização da Saúde e do Metrô, contra a especulação imobiliária e os despejos da Copa, contra a criminalização dos movimentos sociais. Eu e a militância do PSTU estaremos na linha de frente desta luta!"*, afirma Vanessa.

VANESSA com a militância do partido, agitando nas ruas.

RIO DE JANEIRO

Uma campanha vitoriosa

PSTU - RIO DE JANEIRO

Mais uma vez, a campanha do PSTU teve como objetivo ser um ponto de apoio às lutas dos trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro. Divulgamos e estivemos presentes em várias delas, como a do funcionalismo federal, servidores da saúde, com especial atenção ao Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (Iaserj), bancários, carteiros, professores. Foi, enfim, uma campanha dedicada a alavancar as iniciativas de lutas dos trabalhadores cariocas.

"Fizemos uma campanha maravilhosa, muito bonita e aguerrida. Mantivemos nossa independência política, não recebemos um centavo sequer de quaisquer empresas e não nos furtamos a denunciar a atual prefeitura".

Na avaliação do candidato, o partido ocupou um espaço muito importante e contou apenas com o valoroso apoio dos trabalhadores que se somaram à campanha.

"Mesmo com o bloqueio da grande mídia que não nos convida para os debates, mesmo com o tempo de um minuto na TV, fizemos a denúncia dos problemas que a classe trabalhadora enfrenta cotidianamente na nossa cidade e apresentamos nosso programa socialista para a educação, a saúde, transportes, segurança etc.", afirma Cyro.

Agora o PSTU quer agradecer ao enorme apoio que encontrou entre o eleitorado. *"Agradeço a todos que nos ajudaram no dia-a-dia da campanha, com palavras de incentivo, participando das atividades, divulgando nossos candidatos. Quero também dar meu muito obrigado à incansável militância do meu partido, que acreditou na campanha e no nosso programa socialista, mesmo diante de tantas adversidades. Saímos da campanha muito motivados e vitoriosos, confiando que cada voto recebido significa um voto contra a direita, contra Eduardo Paes e sua política fascista de extermínio dos pobres, contra a situação atual desta cidade. Um voto no fortalecimento das lutas e na oposição de esquerda e socialista!"*, disse Cyro Garcia.

CYRO em caminhada no Rio.

Uma campanha contra a opressão e o racismo

WILSON H. DA SILVA, da redação

A eleição de Amanda é particularmente significativa neste sentido. Nestas eleições, o PSTU foi o partido que teve o maior percentual de candidatas mulheres (42% de todos nossos candidatos).

Um número que reflete, antes de tudo, uma política permanente não só de denúncia da opressão praticada contra negros, mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), como também o compromisso de organizar estes setores na luta contra o sistema que patrocina e, literalmente, lucra com o preconceito e a discriminação.

Um exemplo disto aconteceu em Belém, em agosto, quando a "Sexta Socialista" dedicada ao tema contou com cerca de 120 companheiros (operários, professores, advogados, militantes do movimento sem-terra e sem-teto, além de estudantes e servidores públicos) para os quais Cléber apresentou o programa do partido, destacando a importância de combater as opressões no cotidiano das lutas dos trabalhadores e no interior das próprias categorias.

Cléber e seus apoiadores estiveram na linha de frente da Parada do Orgulho LGBT e da marcha realizada no dia da Visibilidade Lésbica. Também realizaram várias panfletagens voltadas especificamente para os setores oprimidos como no bairro Terra Firme (sobre a questão racial) e entre as comerciárias do centro da cidade, que se encontram entre aquelas que recebem os piores salários e se veem submetidas a níveis absurdos de assédio e exploração.

Assim como Cléber, Amanda e todos nossos demais candidatos carregaram, com orgulho e convicção, as bandeiras arco-íris dos LGBT, as lilases, das feministas, ou as tingidas, pelo movimento negro, em preto, vermelho, amarelo e verde.

UMA LUTA DIÁRIA

"Somos metalúrgicas, professoras, costureiras, funcionárias públicas, metroviárias, comerciárias, estudantes, trabalhadoras que lutam para transformar o mundo". Esta era a abertura do boletim especial publicado pela Secretaria de Mulheres do PSTU durante as eleições. E esta foi a tônica da atuação não só de nossas candidatas, já que, para nós do PSTU, a luta contra as opressões é uma tarefa de todos: brancos e negros, héteros e homossexuais, homens e mulheres.

Contudo, muitos do votos que tivemos foram dados por aqueles e aquelas que se reconhecerão naqueles que, sentindo a opressão na própria pele, foram nossos porta-vozes durante a campanha.

Em São Paulo, por exemplo, Marisa, que ficou conhecida como "do Metrô" (por ser dirigente da Secretaria de Mulheres no sindicato da categoria), ao lado da professora Lourdes e da candidata à prefeita, Ana Luiza, foram constantemente paradas nas ruas por mulheres que queriam lhes agradecer e parabenizar pela coragem de terem feito do slogan "São Paulo não quer quem bate em mulher" um dos principais temas de suas campanhas.

A intensidade da denúncia levou o agressor de mulheres Netinho a tentar impedir a distribuição de um panfleto eleitoral e o fato de que essa tentativa de censura tenha vindo do PCdoB – um partido que, assim como o PT de Dilma, no passado, proclamava seu compromisso na luta contra as opressões – é uma prova do importante papel que nossas candidaturas cumpriram.

O abandono destes partidos das principais bandeiras de luta de negros, mulheres e LGBT, lamentavelmente foi acompanhado por uma parcela majoritária de seus militantes no interior dos movimentos de luta contra a opressão. O PSTU, em sua campanha, não só reafirmou o canto de guerra que constantemente leva às ruas – *"Contra o machismo, o racismo e a homofobia, nossa luta é todo dia"* – como apresentou, para milhões, uma alternativa, combativa e socialista, de organização e luta dos movimentos contra a opressão.

MULHERES, NEGROS E LGBT EM LUTA!

Por isso mesmo, nos orgulhamos por ter lançado candidatas como a companheira Silvia, que além de ter sido a única mulher candidata à prefeitura de Campinas (SP), foi a única a única a defender o direito ao aborto, enfrentando-se com a fúria dos poderosos e conservadores da cidade e, inclusive, diferenciando-se do candidato do PSOL que escondeu-se sob a vergonhosa desculpa de que este "não era um tema de campanha".

Mas esse não é um exemplo isolado. Vera Lúcia foi candidata em Aracajú, fazendo coro com todas nossas companheiras e companheiros que defenderam "salário igual para trabalho igual"; Vanessa Portugal, fez ecoar em Belo Horizonte a luta pelas creches e a eleição de Amanda foi a "coroação" de uma campanha em que centenas de companheiras a apresentaram como "mulher, trabalhadora/jovem e socialista".

A campanha também foi marcada por um combate de "raça e classe", levado com "atitude" e determinação de jovens negras, como Tamíris (Santos), dirigentes do Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe, como Júlio Condaque (Nova Iguaçu) e Matheus Gordo (Porto Alegre) – ambos militantes na luta por cotas e contra a violência racial e policial – ou os quilombolas de São Luis, onde a maioria dos candidatos eram mulheres negras, como a companheira Claudicéia.

Companheiras e companheiros que, também como a professora Dayse e o operário Pimentel, em São Gonçalo, popularizaram a frase de Malcolm X que sintetiza a luta do PSTU contra a opressão racial: "Não há capitalismo sem racismo".

E da mesma forma, sentimos um enorme orgulho de ter tido Marília, como vice-prefeita de Cyro Garcia, no Rio de Janeiro, e porta-voz da luta das mulheres lésbicas, vitimadas pela dupla opressão, machista e homofóbica. Ou o professor Carlinhos, que em Campinas, fez ecoar a luta de todos os LGBT que não aceitam os acordos de Dilma com os setores mais conservadores da sociedade para barrar o kit anti-homofobia e toda e qualquer legislação que garanta direitos para os homossexuais.

Outro exemplo de que nossas candidaturas foram fiéis à concepção do PSTU que, para além das eleições, "só a luta muda a vida", também nos orgulhamos que, em Maringá, a companheira Marília tenha colocado sua candidatura a serviço da organização da primeira Parada LGBT realizada na cidade.

Em Natal e em Belém, tenham certeza, os gabinetes de Amanda e Cléber serão extensões da Parada do Orgulho LGBT e da Marcha da Visibilidade Lésbica; das Marchas da Periferia e dos protestos contra o genocídio da juventude negra; dos atos do "8 de março" e das campanhas contra a violência praticada contra as mulheres.

Contudo, também estejam certos, que em todos os outros cantos do país, nossos candidatos e a nossa militância estarão presentes em todas estas atividades e qualquer outra que se volte, de forma independente e combativa, contra a opressão. Como também, nossas sedes estarão abertas a todos que, durante a campanha, também viram no PSTU uma alternativa de lutar por um mundo sem machismo, racismo ou homofobia. E sem a exploração capitalista que tanto se beneficia dos preconceitos e da discriminação. ■

Um passo a mais

HENRIQUE CANARY, de Aracaju (SE)

Encerrou-se neste domingo uma longa e cansativa batalha pela consciência e pelo voto dos trabalhadores em todo o país. Obviamente, a guerra não acabou e agora é hora de recompor o exército e reorganizar as tropas para novas e mais duras batalhas, que certamente estão por vir. De qualquer forma, estas eleições ficarão gravadas na memória dos lutadores como a prova definitiva de que não é preciso recuar no programa ou na dureza das críticas, nem fazer alianças espúrias, e muito menos receber dinheiro de empresários para ganhar o respeito e a simpatia dos trabalhadores. Os exemplos de Belém, Natal e Aracaju estão aí para quem quiser ver.

A CAMPANHA QUE FIZEMOS É FRUTO DO PARTIDO QUE CONSTRUÍMOS

Alguns companheiros ficaram impressionados com o modo como o PSTU fez uma campanha eleitoral com muito pouco dinheiro, quase nada de tempo de TV, mas com toda a sua militância, muita disposição e, sobretudo, com propostas concretas para melhorar a vida dos que mais sofrem. Isso foi assim exatamente pelo fato de que não somos um partido como os outros. Somos um partido que discute de maneira democrática, com toda a militância, quais serão nossas tarefas e nossa política, quem serão os candidatos, que atividades realizaremos etc. Em nosso partido, ser candidato é uma responsabilidade, não um privilégio. Nossos candidatos não têm direitos especiais, mordomias ou prerrogativas. Essa forma de tratar as discussões internas de maneira profunda e democrática e sair à luta como se fôssemos um só soldado confere à nossa organização força e vitalidade. Sabemos o que queremos, e o por quê queremos. Somos um partido com consistência ideológica, e não uma gelatina de teorias sabor tutti-frutti. Além disso, não temos correntes internas permanentes, ou seja, não temos diferentes alas organizadas lutando todo o tempo por um espaço dentro do partido. Isso não significa que não tenhamos grandes debates ou divergências internas. Significa apenas que resolvemos todas essas discussões nos marcos de uma única organização: o próprio partido.

Essa forma de atuar não tem nenhuma relação com aquela dos partidos meramente eleitorais, onde as várias correntes atuam unicamente para eleger os seus candidatos, desprezando o resto do partido, e tramando para ver como passam a perna na corrente adversária para ficar com o dinheiro ou com o prestígio do gabinete.

> Dê um passo a mais; venha para um partido que tem a oferecer uma visão revolucionária do mundo e uma bandeira sem manchas

PSOL: NADA DEVE PARECER IMPOSSÍVEL DE MUDAR?

O PSOL adotou em várias cidades o slogan "Nada deve parecer impossível de mudar". A ideia central seria a de que é possível construir candidaturas diferentes, que não entrem no jogo sujo da velha política e que mesmo assim obtenham vitórias eleitorais. A ideia em si é boa e concordamos com ela. O problema foi que o PSOL não levou a fundo esse ótimo slogan: agiu exatamente como se algumas coisas fossem impossíveis de mudar.

Em primeiro lugar, a direção deste partido, com Marcelo Freixo à frente, se negou a coligar com o PSTU no Rio de Janeiro, com o único objetivo de impedir a eleição de Cyro Garcia a vereador, e se distanciar da imagem de "radical", que poderia advir de uma aliança com um partido como o nosso.

Depois, em entrevista, Freixo afirmou que não descartava cortar o ponto de trabalhadores grevistas em seu governo. "Depende", disse o deputado. Tal foi o preço pago pelo PSOL pelos 914 mil votos obtidos no Rio de Janeiro: o abandono de um princípio elementar da esquerda – o repúdio a qualquer tipo de repressão aos trabalhadores. Ou cortar o ponto dos grevistas não seria uma forma de repressão?

Dessa forma, a campanha de Freixo foi sim uma bela campanha, que despertou a simpatia de muita gente sincera e lutadora. Mas seria superficialidade julgar uma campanha eleitoral apenas pelo entusiasmo que ela provocou entre os militantes e simpatizantes de um partido. Por detrás da mobilização espontânea na internet e nas ruas do Rio em torno de Freixo, havia um programa e uma estratégia pensada e aplicada pela direção do PSOL e que não se diferenciava em nada da estratégia aplicada pelo PT a partir dos anos 1990: chegar ao poder com um programa rebaixado, centrado na "ética", e com a promessa de governar para todos. Infelizmente, já sabemos aonde esse caminho leva...

Mas o pior na campanha do PSOL ainda estava por vir: na reta final das eleições, veio à tona o envolvimento de Martiniano Cavalcante, dirigente nacional desse partido, com ninguém menos que Carlinhos Cachoeira, de quem Martiniano recebeu 200 mil reais. Diante de tamanho escândalo, a Executiva Nacional do PSOL se limitou a afastar administrativamente Martiniano da organização, sem discutir os rumos políticos adotados pelo partido, e que conduziram a esse triste episódio.

Desta forma, para o PSOL, algumas coisas parecem, sim, impossíveis de mudar. Por mais que os militantes honestos dessa organização acreditem em grandes sonhos, na cúpula desse partido está enraizada uma concepção típica do PT: a de que somente rebaixando o programa, recebendo dinheiro de grandes empresas e fazendo alianças espúrias, é possível obter vitórias políticas e eleitorias. Não precisamos repetir o quanto Natal, Belém e Aracaju desmentem essa lamentável tese.

O QUE TEMOS A OFERECER

Para nós do PSTU, tudo o que fazemos (inclusive participar das eleições) tem como objetivo impulsionar a mobilização e a organização dos trabalhadores, para que eles confiem cada vez mais em suas próprias forças; e fortalecer nosso próprio partido como uma alternativa política para o conjunto de nossa classe. Porque sem um partido audacioso, com ideias claras, bem organizado e com grande influência política, nenhuma revolução pode ser vitoriosa, nenhuma luta pode conduzir ao socialismo. A força dos trabalhadores reside em sua organização. Sem organização, somos nada. Com organização, somos tudo.

Aos amigos que estiveram conosco nessa jornada, que atravessaram ombro a ombro esse difícil e traiçoeiro terreno das eleições burguesas, que frequentaram nossas sedes e nossas atividades, que se filiaram, que colaram no peito nossos adesivos e distribuíram nossos materiais, ou apenas simpatizaram com nossas ideias e votaram em nossos candidatos, fazemos um convite: dê um passo a mais; venha para um partido que tem a oferecer uma visão revolucionária do mundo em que vivemos, um programa socialista, e uma bandeira sem manchas. Se chegamos até aqui e fizemos tudo isso, é porque podemos muito mais. Seja um militante do PSTU! ■

Nova onda de protestos varre Europa

DA REDAÇÃO

O mês de setembro foi marcado por inúmeras lutas sociais que varreram a Europa, com destaque para Espanha, Grécia e Portugal. Mais uma vez, os trabalhadores saem às ruas para derrotar uma nova rodada dos planos de "austeridades" forçados pela Troika (União Europeia, Banco Europeu e FMI) e aplicados servilmente pelos governos.

As mobilizações que ocorrem no Estado espanhol e em Portugal, por sua vez, apontam para uma radicalização cada vez maior contra a troika e os planos de austeridade na Europa. Mobilizações que estão cada vez mais atropelando as direções burocráticas sindicais, entraves ao desenvolvimento da luta.

Por outro lado, muitos dos governos pró-austeridade enfrentaram pela primeira vez uma greve geral. Em muitos países, as manifestações começam a pedir claramente a saída dos governantes, como ficou explícito no caso da Espanha e Portugal. Outros protestos também foram realizados na Itália e na França. Confira as manifestações que abalaram a Europa em setembro.

MANIFESTANTES enchem Praça Neptuno contra medidas de austeridade em Madrid.

Espanha: O cerco se fecha

DA REDAÇÃO

No dia 25 de setembro, dezenas de milhares de espanhóis saíram às ruas contra a crise econômica e os cortes sociais, na jornada de lutas intitulada "25-S". A maior delas ocorreu em Madri. Manifestantes saíram de várias partes do país para a cidade no protesto chamado *"Rodea el Congreso"* ou *"Ocupa el Congreso"* e que tinha como objetivo cercar o Congresso dos Deputados para denunciar o "sequestro" da democracia. Pelas ruas centrais de Madri, milhares caminhavam em direção ao Congresso, encabeçados por uma faixa onde se lia *"Que se vayan todos"* (*"Fora todos"*).

O cerco ao Congresso lembrou as cenas das grandes manifestações gregas, nas quais também havia cercos ao Parlamento. Como na Grécia, os cartazes e as palavras de ordem atacavam não só os cortes sociais impostos por mãos de ferro pelo presidente Mariano Rajoy, mas também os políticos e a falta de democracia. *"Vim de Barcelona para aderir a essa concentração cidadã porque o que queremos é que saiam o governo e os deputados, porque não os queremos"*, relatou uma manifestante ao jornal espanhol Público. *"Vivemos em uma ditadura financeira"*, afirmou outro ativista.

A resposta ao protesto espanhol foi uma brutal repressão policial que tentou evitar que os manifestantes furassem o cerco dos soldados. Mas a polícia não conseguiu dispersar e dissolver a manifestação. Todos continuavam na rua, feridos, golpeados e detidos, mas exigindo a demissão do governo. *"Que no, que no, que no tenemos miedo"*, cantavam os ativistas. *"El último parado (desempregado) que sea un deputado!"*. A repressão deixou pelo menos 13 feridos, além de 23 detidos.

O governo espanhol e a grande imprensa tentaram jogar para baixo as estimativas de participação, dizendo que o protesto contou com a participação de apenas seis mil pessoas. Mas o número foi bem maior, chegando às dezenas de milhares.

REGIME NA MIRA

O "25-S" é expressão de uma situação política que tomou conta da Espanha após a "Marcha Negra", realizada por mineiros do carvão, entrar em Madri na noite do dia 10 de julho. As consequências dos planos de austeridades aplicados pelos governos do PSOE (partido socialista) e do PP (direita) é a enorme crise social que deixou 25% da população desempregada (e 53% dos jovens).

Por outro lado, as manifestações agora tem como alvo diretamente o governo Rajoy, visto como mero fantoche para imposições da União Europeia, como os cortes sociais e a reforma trabalhista.

"É necessário convocar uma greve geral até tirar todos", conclama a Corriente Roja, organização filiada à LIT-QI no Estado Espanhol, convocando ainda uma jornada de luta para este dia 26, chamada pelo Sindicalismo Alternativo e movimentos sociais. *"É necessário que se unifiquem as lutas. É necessário unir os movimentos socais à classe operária e a seus métodos de luta"*, defende a Corriente Roja.

Catalunha quer decidir livremente o seu destino

Antes dos protestos do dia 25, a população da Catalunha realizou uma manifestação por sua independencia do Estado espanhol. No dia 11 de setembro, um milhão e meio de pessoas sairam as ruas exigindo a independencia, uma reivindicação que, segundo pesquisas, tem o apoio de 52% da população.

A autodeterminação nacional é um direito democrático que não é permitido na constituição monárquica do Estado Espanhol, o que impede sua aplicação às diferentes nacionalidades que fazem parte do Estado (Galícia, País Basco etc.).

"A manifestação do dia 11 de setembro é a expressão democrática de uma nação que quer seu destino livre e soberano, em comparação a um sistema, a transição, que negou o direito democrático e impõe uma unidade forçada e compulsória. A manifestação é, portanto, um fator extremamente progressista e democrático, de questionamento ao governo de Rajoy e da monarquia", explica a Corriente Roja.

A organização, que defende o direito a autodeterminação do povo catalão, também alerta sobre o fato de que não há lugar para a soberania nacional dos povos da União Europeia, ferozmente dominada pelo capitalismo alemão e francês. *"Não há possibilidade de alcançar a soberania nacional, ou de parar a catástrofe social a que estamos condenados, sem romper com o Euro e a UE e lutar ombro a ombro com os nossos irmãos europeus, pelos Estados Unidos Socialistas da Europa"*, afirma a Corriente Roja.

Portugal: às ruas contra o governo e a troika

"Que se lixe a troika. Queremos as nossas vidas!", gritaram os manifestantes

MOVIMENTO ALTERNATIVA SOCIALISTA (MAS – PORTUGAL)

No dia 15 de setembro, Portugal assistiu a maior manifestação desde o 1º de maio de 1974. O protesto deixou claro que a população não quer mais a troika nem o governo de Pedro Passos Coelho. *"Fora, fora, fora já daqui, a fome, a miséria e o FMI"*; *"Está na hora, está na hora de o governo ir embora"*; *"Troika não, troika não, troika não"*; essas foram algumas das palavras de ordem ouvidas nos protestos, além dos apelos à unidade da esquerda.

Os protestos reuniram centenas de milhares de manifestantes, de jovens a aposentados, trabalhadores, desempregados, estudantes, famílias inteiras, em 40 cidades do país. Muitas pessoas disseram ser esta a primeira manifestação em que participaram.

"Foi o enterro mais animado que eu já vi", ironizou um jovem durante a manifestação em Lisboa, referindo-se ao "defunto" governo de Passos Coelho.

Em Lisboa, estiveram presentes aproximadamente 500 mil pessoas, segundo os organizadores, ou seja, mais gente do que na jornada do 12 de Março do ano passado, na manifestação da Geração à Rasca, quando ficou claro que o governo de José Sócrates (Partido Socialista) não teria mais condições políticas de continuar a governar. No dia 17, cerca de 20 mil pessoas participaram em Coimbra no protesto *"Que se lixe a troika. Queremos as nossas vidas!"*. E no dia 29, outros milhares encheram a Praça do Comércio, em Lisboa, em um protesto convocado pela CGTP (central sindical portuguesa), para novamente demonstrar que não querem este governo, nem a sua austeridade. Para que não haja dúvidas sobre o desgaste do governo entre a população, temos ainda as últimas sondagens eleitorais, uma queda de 12 pontos percentuais do PSD (partido governista).

> Apesar dos cortes orçamentarios e privatizações, a dívida pública aumentou de 101% para 116% do PIB, ou seja, a redução do déficit em nome do qual a política de austeridade foi imposta está longe de ser alcançada.

A austeridade do governo e da troika colocaram o povo e os trabalhadores em uma situação muito difícil, fazando aumentar a pobreza e o desemprego. Os resultados são evidentes: nos últimos 15 meses, a taxa oficial de desemprego aumentou de 12% para 16%. Já a divida, apesar dos cortes orçamentários e privatizações, também aumentou de 101% para 116% do PIB, ou seja, a redução do déficit, em nome dos quais a política de austeridade foi imposta, está longe de ser alcançada.

As grandiosas manifestações demonstram de forma categórica que a paciência do povo se esgotou e que uma nova situação política se abriu no país. Agora é necessário canalizar esse ódio e vontade de lutar para organizar a população nos locais de trabalho e nos bairros; fazer uma forte greve geral que pare o país; e novas mobilizações de rua até que as medidas de austeridade sejam anuladas e o governo e a troika, forçados a ir embora.

Grécia: governo Samaras enfrenta sua primeira greve geral

Os trabalhadores e a juventude da Grécia realizaram, no dia 26 de setembro, uma das maiores greves gerais desde o início da crise econômica e social que assola o país, há cinco anos em recessão.

Foi a primeira greve geral contra o frágil governo de Antonis Samaras, da Nova Democracia, eleito nas últimas eleições em junho, com estreita margem sobre o Syriza (29,7% contra 26,9%). Apesar de defender os acordos com a troika, Samaras venceu as eleições prometendo flexibilizar os planos de austeridade que, ao contrário, endurecem cada vez mais.

A greve, que atingiu tanto o setor público quanto privado, foi deflagrada contra mais um plano de cortes exigido pela troika e negociado pela Nova Democracia e o Pasok, partido social-democrata que integra o governo de coalizão. Cerca de 100 mil pessoas marcharam na capital Atenas, confluindo num grande protesto na simbólica Praça Sintagma, em frente ao parlamento grego.

As palavras de ordem e os cartazes denunciavam a troika, os cortes no orçamento e o enorme abismo social em que o país se afunda. *"Não aguentamos mais, estamos sangrando. Não podemos criar assim nossos filhos"* relatou à imprensa uma professora de 54 anos que acompanhava a marcha. Com quatro filhos, a professora é obrigada a sobreviver com apenas 1.000 euros por mês (equivalente a R$ 2.600).

A polícia reprimiu violentamente os manifestantes com bombas de gás lacrimogêneo, prendendo pelo menos 100 ativistas e ferindo outras dezenas de pessoas.

MAIS SACRIFÍCIOS EM FAVOR DOS BANCOS

O mais recente pacote de austeridade negociado na Grécia prevê cortes da ordem de 11,5 bilhões de euros (além de mais 2 bilhões em aumento nos impostos), condição para o país ter acesso a uma linha de crédito de 31,5 bilhões, parte do resgate de 173 bilhões acordado em maio. Para alcançar essa meta, o governo deve cortar aposentadorias e salários, além do compromisso de demitir 150 mil funcionários públicos até 2015. Cogita-se ainda a elevação da jornada de trabalho.

A troika, em recompensa, exige cortes cada vez maiores. O ministro das Finanças da Grécia, Yannis Stournaras desabafou com a representante europeia do FMI: *"Vocês se dão conta do que estão pedindo? Vocês querem derrubar o meu governo?"*. A representante do imperialismo alemão e francês, por sua vez, parece pouco preocupada com as repercussões políticas de suas imposições.

A recessão em que o país está imerso deixou um rastro de 24% da população desempregada (53% dos jovens) e mais de um quarto do povo grego abaixo da linha da pobreza.

A greve geral desse dia 26, aponta para o recrudescimento das lutas contra o governo grego, em que pese os limites representados pelas direções sindicais. Desde 2008 já foram contabilizadas 22 greves gerais de 24 horas e duas de 48 horas no país. Mesmo que o governo de Samaras e a troika deem demosntrações inequívocas de que continuarão a aprofundar os cortes até jogar a juventude, os trabalhadores e os aposentados do país no mais absoluto caos social, as direções se negam a convocar uma greve geral por tempo indeterminado. ■

PSTU atinge cinco mil novos filiados

ANDRÉ FREIRE, de São Paulo (SP)

O apoio dos trabalhadores e do povo de São José dos Campos às candidaturas do PSTU cresce a cada semana. Temos 300 apoiadores cadastrados. Agora vamos intensificar os chamados às atividades, por mensagem de texto e o contato via internet.

Nosso partido lançou uma campanha nacional de filiações em julho, aproveitando a campanha eleitoral deste ano, com o objetivo de aumentar o número de seus filiados e fortalecer a relação do partido com os seus apoiadores e simpatizantes.

Ainda estamos recolhendo informações, mas já podemos anunciar que tivemos uma grande vitória com a campanha, ultrapassando as cinco mil novas filiações ao partido, com destaque para um grande número de filiações operárias.

Apesar de toda falta de democracia nas eleições, com a grande imprensa e o poder econômico beneficiando descaradamente os seus candidatos, o resultado obtido com a campanha de filiações demonstra que a presença nas eleições serviu não só para divulgar o nosso programa socialista, como também foi uma ótima oportunidade para o partido crescer, se enraizando em importantes setores da nossa classe.

DESTAQUES

No estado de São Paulo já atingimos 1.500 novas filiações, sendo que 700 foram na capital, mais de 400 em São José dos Campos - a maioria entre os metalúrgicos da região do Vale do Paraíba. O resultado foi uma campanha eleitoral que levou o camarada Toninho a ser o quinto candidato a vereador mais votado da cidade de São José dos Campos. Só não se elegeu devido à barreira do coeficiente eleitoral. Atingimos também cerca de 100 novos filiados tanto em Campinas como na região do ABC.

Em Belém, na vitoriosa campanha eleitoral que colocou Edmilson Rodrigues (PSOL) no segundo turno, e elegeu Cléber Rabelo para a Câmara de Vereadores, ultrapassamos a incrível marca de 900 filiações, mais de 600 são operários da construção civil.

No Nordeste chegamos a 1.200 novos filiados, destacando a campanha em Fortaleza com mais de 400 filiações –em grande parte, operários da construção civil; em Natal foram realizadas mais de 230 filiações como parte da campanha de Amanda Gurgel; em Aracaju, chegamos a, pelo menos,150 novos filiados durante a campanha de Vera para a prefeitura.

No Estado do Riode Janeiro, chegamos a 750 novos filiados, com destaque para as mais de 300 na capital, cerca de 150 na região da Baixada Fluminense e 80 em Nova Friburgo.

Em Minas Gerais já foram quase 300 filiados, sendo 120 deles em Belo Horizonte. Na região Sul se chegou as 300 novas filiações, especialmente em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

Um resultado vitorioso que expressa o fortalecimento do partido, mais uma vitória da nossa campanha eleitoral nas eleições municipais deste ano.

Fortalecer a relação política com os filiados

Agora, em outubro, vamos dar prosseguimento ao avanço da relação política do partido com os novos filiados, fruto da nossa campanha vitoriosa.

Estão sendo programadas várias palestras abertas do partido sobre o balanço das eleições e a participação do PSTU, como também sobre a campanha contra os crimes da ditadura no Brasil, a Comissão da Verdade e em defesa da anistia aos militantes da antiga Convergência Socialista, perseguidos pelo regime militar.

Vamos convidar todos os filiados que queiram se integrar a um dos núcleos regulares do partido para se tornarem militantes da organização. Este processo já vem acontecendo em várias cidades, mostrando que a campanha de filiação vem fortalecer também os organismos partidários.

Mas, com todos os novos filiados, mesmo com aqueles que não queiram ou não possam se integrar regularmente em um dos nossos núcleos, queremos estabelecer uma relação política cotidiana. Queremos integrá-los em nossas campanhas políticas e demais atividades públicas do partido; em nossas palestras abertas e regulares nas sedes, nas atividades de formação teórica e discutindo com eles os nossos materiais políticos e de propaganda socialista, como o jornal Opinião Socialista e a revista Correio Internacional.

O objetivo é incorporar ao nosso cotidiano o chamado aos ativistas e lutadores, dos movimentos sociais e da juventude, para que se filiem ao nosso partido, como um primeiro passo de aproximação da nossa organização.

Somos socialistas de carteirinha!

Durante agosto e setembro, várias atividades públicas do partido, abertas aos nossos apoiadores e simpatizantes, foram realizadas por nossas regionais para marcar o início de uma nova relação política com os novos filiados.

Em todas as regiões do país, nosso partido chamou os ativistas e os nossos apoiadores da nossa campanha para discutir nosso programa para as cidades. Também discutimos temas da conjuntura internacional, aproveitando para realizar uma bela homenagem aos novos filiados, que recebiam dos nossos militantes mais antigos e figuras públicas do partido a nova carteira de filiado.

Estas atividades foram um importante impulso para a reta final da nossa campanha eleitoral e emocionou a muitos que percebiam o fortalecimento do partido.